

A CONSTRUÇÃO “BE LIKE” COMO INTERAÇÃO FICTIVA

THE CONSTRUCTION “BE LIKE” AS FICTIVE INTERACTION

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19597

Camila Neiva Leite de Oliveira¹Maria Claudete Lima²

Resumo: A construção “be like” (*ser como*), usada para introduzir discurso direto, tem sido investigada sob perspectiva sociolinguística, como comum entre jovens. Este estudo, em abordagem cognitivo-funcional, visa examinar essa construção como marcador de interação fictiva. Para tanto, analisa, conforme variáveis mórficas e semântico-discursivas, dados do século XX e XXI, do *Corpus COCA*. Os resultados revelam aumento da frequência de uso no século XXI, especialmente na fala, predominantemente em primeira pessoa, no pretérito e expressando pensamentos. Tais dados sugerem que esta construção não apenas reflete uma mudança na forma de citar, mas também revela nuances na expressão de pensamentos e emoções.

Palavras-chave: *be like*; mudança linguística; abordagem cognitivo-funcional.

Abstract: The construction “be like,” used to introduce direct speech, has been investigated from a sociolinguistic perspective as common use among young people. This study, using a cognitive-functional approach, aims to examine this construction as a marker of fictive interaction. It analyzes data from the 20th and 21st centuries from the COCA corpus according to morphic and semantic-discursive variables. Results show an increase in usage frequency in the 21st century, especially in speech, predominantly in the first person, past tense, and expressing thoughts. This suggests a change in quoting styles and reveals nuances in expressing thoughts and emotions.

Keywords: *be like*; linguistic change; cognitive-functional approach.

Introdução

Introdutores de discurso, também conhecidos como citativos (Buchstaller; Alphen, 2012), são palavras utilizadas para relatar algo ocorrido ou dito, seja pelo próprio falante ou por terceiros. Esses marcadores servem para introduzir falas, pensamentos ou ações. Na língua inglesa, existem diversas palavras que desempenham essa função, como *say*, *tell* e *go*, que integram uma rede categorial de introdutores de discurso. Na década de 80 do século passado, estudiosos, como Schourup (1982), atestam, nos Estados Unidos, o uso da construção *be like*

¹ Graduada em Letras-Inglês (UECE), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: leiteneiva405@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6668-5029>.

² Doutora em Linguística, professora da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: claudete@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9866-9209>.

(literalmente: *ser como*) como introdutora de discurso. Desde então, a construção³ tem sido amplamente estudada devido à sua natureza multifuncional e à sua rápida disseminação em diversas comunidades de falantes da língua inglesa (D'arcy 2012; Deuber; Hänsel e Westphal, 2021; Jardine, 2022; Deng, 2023; Kambom e Duah, 2017; e Raušová, 2023).

Estudos anteriores (Meehan, 1991; Romaine; Lange, 1991; Ferrara; Bell, 1995; Single, 2001; Tagliamonte; D'Arcy, 2005; Barbieri, 2005; Buchstaller, 2014 e Blyth *et al.*, 1990) destacam a frequência de uso do *be like* em contextos informais e por falantes jovens, especialmente mulheres, como revela a expressão pejorativa "Valley girls", que aponta para moças que se expressam usando a construção *be like*. Na literatura, o foco das pesquisas sobre o *be like*, em geral, em perspectiva sociolinguística laboviana, é o contexto social em que é empregado. Além disso, praticamente a maioria dos trabalhos analisa dados de fala do século XX. Este estudo pretende analisar o *be like* com introdutor de interação em geral e, em especial, interação fictiva, como proposto por Pascual (2006), em dados de fala e de escrita do inglês americano dos séculos XX e XXI. As questões que motivam esta pesquisa exploratória são: até que ponto o uso da construção *be like* como introdutora de discurso se ampliou em termos de frequência e registros ou se manteve de um século para outro? A versatilidade do uso do *be like* para expressar encenações de interações discursivas, introdução de falas de terceiros, expressão de emoções e pensamentos se alterou ao longo do tempo? ou a construção teria se especializado na expressão de dado conteúdo? Como se caracteriza a expressão no inglês contemporâneo: mantém o padrão construcional de quando surgiu no século XX ou se alterou no século XXI?

Para responder a essas questões, consideramos dados de fala e de escrita, do século XX e XXI, retirados do *Corpus of Contemporary American English* (COCA), e analisamos quanto a variáveis mórficas, semânticas e discursivas.

Este artigo acha-se dividido em 5 seções, além desta introdução. Nas duas primeiras, tratamos brevemente do referencial teórico. Na terceira, apresentamos a metodologia que empregamos na pesquisa. Na quarta, discutimos os resultados da análise e, por fim, nas considerações finais, retomamos os principais achados, relacionando-os aos nossos objetivos.

1 Linguística cognitivo-funcional

A abordagem adotada neste trabalho considera que a língua emerge do uso e é parte integrada da cognição, dependente de outros processos cognitivos, como memória, imaginação,

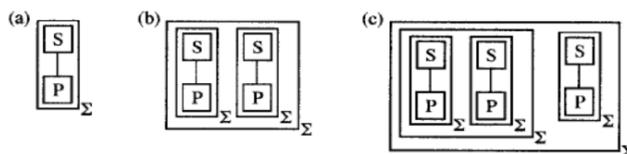
³ Estamos usando o termo *construção* no sentido que empregado por Langacker (2008): estrutura simbólica complexa em que há emparelhamento entre um polo fonológico e um polo semântico.

atenção e percepção (Langacker, 1987, 2008, 2017; Givón, 2005). A imaginação, como explicitaremos adiante, tem papel central no fenômeno da fictividade (Oliveira, 2025).

Um dos princípios fundamentais dessa abordagem é que os significados são construídos durante o processo de interação (Langacker, 2008). A emergência da construção *be like* ilustra essa questão: seu uso, iniciado por falantes na década de 1980 em contextos informais⁴, ganhou uma nova função como introdutor de discurso, a qual foi negociada e consolidada na interação social, sendo rapidamente disseminada na língua inglesa.

Outro princípio dessa abordagem é a ideia de *continuum* entre léxico e gramática (Langacker, 1987, 2008). A língua é vista como um conjunto de estruturas simbólicas, definidas como emparelhamento entre um polo semântico (S) e um polo fonológico (P), que podem se unir para formar novas estruturas simbólicas, como mostra a figura 1, retirada de Langacker (2008).

Figura 1 - Estruturas simbólicas



Fonte: Langacker (2008, p.15).

Tais estruturas simbólicas podem ser simples (formas presas, como *un- -ceive, -ed*; ou livres, como *house, love*) ou complexas (palavras, como *unlike, conceived*; sintagmas, frases). Quando complexa, ou seja, quando formada por mais de uma estrutura simbólica, recebe o nome de *construção*.⁵ Neste trabalho, o foco será uma construção formada por duas unidades simbólicas: [[[BE]/[be]] - [[LIKE]/[like]]].

⁴ Esta origem é apontada por diversos autores, como Ranger (2012), Bressendorff (2012), Huber (2016) e Stokke e Ball (2025).

⁵ Estamos usando o termo *construção*, conforme Langacker (2003, 2008), segundo o qual, pelo menos em seu sentido prototípico (Langacker, 2003, p.52), constituem estruturas simbólicas complexas ligadas por correspondências e relações de categorização. Em Langacker (2008, p. 161, *tradução nossa*), por exemplo, o autor afirma claramente que "A maioria das expressões que empregamos é simbolicamente complexa, podendo, em certa medida, ser analisada em elementos simbólicos menores. A gramática consiste de **padrões** para construir **tais expressões**. Assim, **as expressões e os padrões são referidos como 'construções'**". Langacker (2003) define *estrutura simbólica* como a relação entre polo semântico e polo fonológico e *construção* como uma combinação delas: "...As estruturas simbólicas combinam-se entre si [...] para formar conjuntos de estruturas simbólicas, [...]. Quando esses conjuntos são específicos (em vez de esquemáticos), constituem expressões (E), tais como palavras, frases, cláusulas, etc." (Langacker, 2003, p.44, *tradução nossa*). Em suma, são construções tanto conjuntos de estruturas simbólicas específicos (*expressões*), como conjunto de estruturas simbólicas esquemáticos (*esquemas construcionais*).

2 Fictividade e interação fictiva

A fictividade refere-se à capacidade cognitiva de representar fenômenos que não correspondem diretamente à realidade objetiva (Talmy, 2000). Nela, são estabelecidas duas categorias de discrepância: a *factiva*, relacionada a elementos que, embora não sejam objetivamente reais, possuem um grau mais elevado de veracidade; e a *fictiva*, que se refere a elementos com menor grau de veracidade. É importante destacar que o termo "fictivo" não é sinônimo de "fictício", pois, apesar de estar associado a uma discrepância menos verídica, não implica necessariamente a irrealidade, mas reflete a capacidade cognitiva do falante em criar representações alternativas.

A partir da noção de fictividade, Pascual (2006) propõe a interação fictiva, segundo a qual fazemos o uso da conversação como um *frame* para estruturar processos mentais, discursivos e linguísticos: "... a interação fictiva envolve a apresentação do que parece ser (parte de) uma conversação, com o propósito de introduzir, definir ou referir o que não é habitualmente uma conversação" (Pascual; Sandler, 2016, p. 4). Assim, a interação fictiva pode funcionar como um modelo para a estruturação do pensamento, para a conceptualização da experiência, para a organização do discurso, bem como para a constituição e o uso do sistema linguístico

Por meio da interação fictiva, somos capazes de construir diálogos, reencenar situações e elaborar monólogos que, embora não ocorram de forma literal, proporcionam ao ouvinte uma compreensão de como determinada situação aconteceu ou aconteceria. O quadrinho da Figura 2 ilustra isso.

Figura 2: Uso do *be like* como marcador de interação fictiva



Fonte: disponível em
<https://vtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ValleyGirl>

Como ilustrado no quadrinho acima, a personagem utiliza o *be like* para representar uma reação que ela teria em uma situação ocorrida no passado. Em outras palavras, ela emprega essa construção para evocar uma resposta emocional que remete a um momento específico da história que está sendo narrada, com o objetivo de esclarecer ao ouvinte como ela se sentiu naquela circunstância e de dar maior ênfase a essa parte da narrativa. A expressão "OH-MIGAWD!", introduzida por "I was like", remete a uma estrutura típica do *frame* de conversa empregada na ilustração para enquadrar o que não é conversa, mas um sentimento ou pensamento⁶. Então, "OH-MIGAWD!", no contexto referido, assume a condição de objeto de *be like*, tornando-se uma espécie de nome, codificado por meio de uma porção discursiva ou fragmento de diálogo.

Em suma, interações de fala são frequentemente empregadas para expressar ideias de maneira mais envolvente e dinâmica, criando diálogos e cenários que simulam algo que poderia ter acontecido. A funcionalidade dessa forma de citação pode ser observada em dados reais, nos quais *be like* desempenha diferentes papéis discursivos, como mostram os exemplos (01-04).

(01) ...but all my shots are designed around the chair". And Bruce **is like**, "well, you know what, Len?" (Coca, 2008 – TV/filme)
...mas todos os meus planos de câmera são feitos em torno da cadeira. "E o Bruce tá tipo: "sabe de uma coisa, Len?"

(02) She's like, "Freddy, your fucking friends are here." And I'm **like**, "Aw, Mom, blah, blah, blah." (Coca, 2008 – TV/filme)
Ela, tipo: "Freddy, seus malditos amigos chegaram." E eu, tipo: "Ah, mãe, blá, blá, blá."

(03) Like, they call it like Thirsty Thursday or something, and I **was like**, oh, that's nice. (Coca, 2013 – fala)
Tipo, eles chamam de "Quinta da Sede" ou algo assim, e eu, tava tipo: "Ah, que legal."

(04) *A lot of people at school knew who she was, like everybody was like*, "Oh, well, that's the girl..." (Coca, 2015 – fala)
Muita gente na escola sabia quem ela era, tipo, todo mundo, tava tipo: "Ah, essa é a garota..."

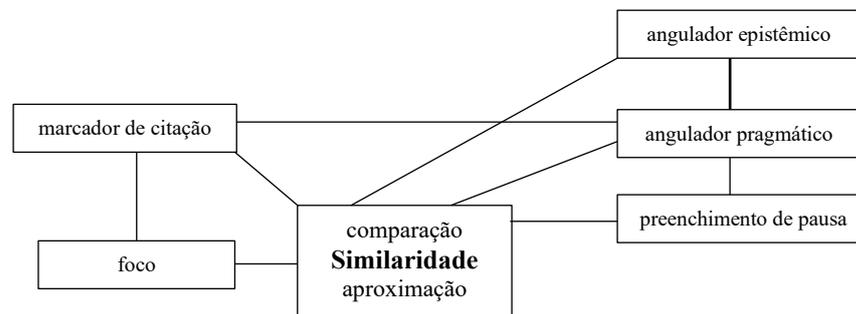
Nas frases, observa-se a diversidade de usos de *be like*. No exemplo (01), *be like* funciona como um citativo tradicional, introduzindo uma fala que ocorreu no contexto relatado, como indicia a referência a um ouvinte contextual, *Len*. No exemplo (02), a construção é

⁶ Este e o próximo período sobre a expressão "OH-MIGAWD!" foram inseridos por sugestão de um dos pareceristas anônimos, a quem agradecemos.

utilizada para expressar uma reação do falante, incluindo sons não lexicalizados. No contexto, a pista para essa leitura é a ausência de interlocução no relato da entrevistada, que se refere a uma possível fala da mãe referente a seus amigos e, em seguida, imita o que costuma ser sua reação. Em (03), marca um estado emocional diante da situação narrada. O contexto também é narrativo e a mudança de tempo verbal e tópico indiciam o valor fictivo do complemento de *be like*. E, finalmente, no exemplo (04), *be like* é empregado para representar um suposto pensamento geral. Novamente, o contexto de relato na fala do entrevistado leva a interpretar esse uso como fictivo, de fato, o próprio uso anterior do *like*, em *like everybody*, indicia tratar-se de imitação e não de discurso reportado.

Tais usos são licenciados pelo valor de semelhança do *like*. É o que mostra Buchstaller (2001) no modelo radial que propõe para descrever os usos sincrônicos de *like*, reproduzida na Figura 3, adaptada da autora (Buchstaller, 2001, p. 3).

Figura 3 - Modelo radial de *like*



Fonte: Adaptada ao português de Buchstaller (2001, p.3)

Como traço semântico persistente, o modelo proposto apresenta como significado central básico de *like* a noção de similaridade, que é noção básica subjacente tanto à ideia de comparação quanto à de aproximação. Essa noção dá origem a vários outros significados, que também podem ser considerados como inter-relacionados e que ainda contêm seu significado semântico central em maior ou menor grau. Em primeiro lugar, a noção de foco, como a informação mais saliente em uma frase, se sobrepõe à de citação, considerando-se que, se *like* co-ocorre com a citação, então ele foca na informação mais significativa da frase, como ilustram os exemplos apresentados anteriormente e os discutidos a seguir. Assim, a citação pode ser interpretada como uma variante do foco. Partindo do costumeiro uso de *like* precedendo interjeições, efeitos sonoros e outras imitações, com o fim de criar envolvimento do ouvinte e

ampliar o impacto dramático da narrativa (como nos exemplos 03 e 04), considera-se que *like* foca na encenação, enquanto *say* e outros verbos focam no sentido proposicional da citação. É o que propõem Blyth *et al.* (1990), quando afirmam que *be like* pode ser visto como um citativo que introduz uma parte particularmente saliente da informação apresentada na forma de discurso direto.

Também Vandelanotte e Davidse (2009) embasam o uso do *be like* citativo no valor semântico de aproximação e semelhança. Segundo os autores, a emergência do *be like* como citativo foi favorecida pela correspondência semântica entre "orações de imitação" e "orações de discurso relatado", como evidenciam análises translinguísticas, que mostram usos de marcadores de similaridade como marcadores de citação em outras línguas. De fato, além de "tipo", em português, há o uso de *comme* "como" e *genre* "tipo", em francês; *tipou* "tipo", em grego; o espanhol *como* "como"; o russo *tipa* "tipo" etc. (Buchstaller; Alphen, 2012).

Apresentado em linhas gerais o referencial teórico que sustenta nossa análise, passamos a apresentar, na seção seguinte, os aspectos metodológicos da pesquisa empreendida.

3 Metodologia

As ocorrências desta pesquisa exploratória foram coletadas do banco de dados COCA (Corpus of Contemporary American English) desenvolvido por Mark Davies e disponível livremente na web⁷. Esse *corpus*, que reúne mais de um bilhão de palavras (com uma média superior a 25 milhões de palavras por ano entre 1990 e 2019), abrange oito gêneros distintos. Sua ampla extensão e diversidade de gêneros justificam sua escolha como fonte de dados, conferindo-lhe representatividade e adequação para os objetivos do presente estudo.

A coleta deu-se na versão online do *corpus*, por meio da ferramenta de busca do site, usando-se a seguinte expressão [BE] *like*, e selecionando-se as seções fala, notícias e TV/filmes, primeiramente do século XX e depois, do século XXI. Foram selecionadas as primeiras 100 ocorrências de cada século, totalizando 200 ocorrências de *be like*.

Inicialmente, as ocorrências foram filtradas manualmente separando-se aquelas com uso da construção como introdutora de discurso (factivo/fictivo), que foram analisadas, de outras que codificavam outros usos, que foram excluídas da análise. Para isso, recorreu-se ao contexto maior, possibilitado pela ferramenta do COCA *online*, em busca de pistas de uso factivo ou fictivo, tais como *presença/ausência de interlocutores no relato; alternância de vozes;*

⁷ Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>

manutenção/mudança de tempo verbal e de tópico na mesma frase; uso de aspas e, especialmente, *tipo de conteúdo expresso*. Em seguida, as ocorrências filtradas foram levadas para o PSPP, um software gratuito de análise estatística, baseado no *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS*⁸, que calcula a frequência e faz cruzamento de variáveis. Os dados foram categorizados quanto às seguintes variáveis:

Período: com o fim de verificar se houve ou não aumento do uso do *be like* como citativo, analisou-se a frequência no século XX e no século XXI.

Gênero: para verificar se o uso do *be like* como introdutor de discurso seria mais frequente em dado gênero discursivo, consideraram-se três gêneros: fala, TV/filme e notícias, exemplificados a seguir.

(05) I mean, I'm a girl. So **I was like**, where is this guy? Like, where is he? GI (2015- fala)
Quero dizer, eu sou uma garota. Então eu, fiquei tipo: "Cadê esse cara? Tipo, cadê ele?"

(06) first started getting tattooed. I thought it was really bad-ass and then **I was like**... "Oh, that would be such a cool job, " (2010- TV/filme)
Quando comecei a fazer tatuagem. Achei muito irado e aí eu, fiquei tipo: "Nossa, esse seria um trabalho muito legal,"

(07) Strungys says. "She really likes Elliott's drumming. **I 'm like**:' I know he's a good drummer... (1999- notícias)
Strungys disse. "Ela gosta muito da bateria do Elliott. Aí eu fico tipo: 'Eu sei que ele é um bom baterista..."

Tempo verbal: pretende avaliar se, como citativo, a construção usa mais o tempo presente ou o pretérito.

(08) You know Ice Cube says it and **I 'm like** yes! Toby Keith says it and I... (2007, fala)
Sabe, o Ice Cube diz isso e eu fico tipo: sim! Aí o Toby Keith diz isso e eu...

(09) ...the time that you sang a song and **I was like**, oh, it feels and I was like, oh, it feels like... (2015, TV/Filme).
...naquela vez que você cantou uma música, e eu fiquei tipo: ah, parece... e eu fiquei tipo: ah, parece que...

Pessoa: o objetivo dessa variável era verificar como se caracteriza a construção do ponto de vista morfossintático.

(10) And **I 'm like**, "No, this ain't a sex thing." (2008-TV/filme)
E eu fiquei tipo, "Não isso não é uma coisa sexual".

(11) "**It was like**, 'How do you run a chainsaw?' (2016-notícias)

⁸ O programa, disponível em <https://www.gnu.org/software/pspp/>, adota as letras PSPP como nome, apenas para aludir ao programa pago da IBM, trocando uma letra pela outra. Não se trata de uma sigla de fato, embora haja na Web tentativas de estabelecer um nome de que esse seria uma sigla.

“Foi tipo, ‘Como é que se usa uma motosserra?’

Conteúdo discursivo do complemento: para avaliar se a construção expressaria predominantemente interação fictiva ou discurso reportado. Para isso, recorreu-se não apenas ao conteúdo em si, mas também a outras pistas contextuais, como dito anteriormente.

- (12) **sons não lexicalizados:** “I just hit the fucking deck, and I 'm like, 'Oh, oh.'” (2008-TV/filme)/*Eu simplesmente me joguei no chão, e eu fiquei tipo: 'Oh, oh.'*”
- (13) **estados emocionais:** “angle, or one position to be in where it feels okay. So I'm like, 'Fuck it. I'm going to do it'” (2008-TV/filme)/*Um ângulo, ou uma posição em que pareça confortável. Ai eu fico tipo: 'Quer saber? Dane-se. Eu vou fazer isso.'*”
- (14) **pensamentos:** “She really likes Elliott's drumming. I'm like: 'I know he's a good drummer’” (1999-notícias)/*Ela gosta muito da bateria do Elliott. Ai eu fico tipo: 'Eu sei que ele é um bom baterista.'*”
- (15) **discurso reportado:** “Okay, so here are your dates for Die Hard, and I 'm like, "I got the part? They're like, " Yeah” (2008- TV/filme)/*Ok, então aqui estão suas datas para Duro de Matar, e eu fico tipo: 'Eu consegui o papel?' E eles tipo: 'Sim.'*”

Posição da construção: o objetivo era verificar se a construção tinha liberdade posicional.

- (16) **anteposto:** “how I got in the movie, and I 'm like, " honestly, I don't - - " You know what’”/*Como eu entrei no filme, e eu fico tipo: 'Sinceramente, eu não...' Sabe?*”
- (17) **posposto:** não foram encontradas ocorrências com *be like* posposto.

Após a categorização, os dados foram processados e, em seguida, os resultados foram interpretados à luz da linguística cognitivo-funcional, como se discute na próxima seção, em que se apontam tanto os resultados gerais, ou seja, do *be like* como introdutor do discurso, como os usos específicos do *be like* como introdutor de interação fictiva, principal foco desta pesquisa.

4 Análise e discussão dos resultados

A análise das 200 ocorrências de *be like* mostrou uma tendência ao uso do *be like* como citativo. Do total de ocorrências, 55,5% (111/200) apresentavam o *be like* com o valor de introdutor de discurso, tanto factivo como fictivo. Do século XX ao século XXI, podemos perceber uma diferença considerável no uso dessa construção como introdutora de discurso, o que pode apontar para uma certa estabilidade do uso a ser verificada em amostra mais extensa e variada. Do total de ocorrências do século XX, apenas 8,33% (3/36) eram citativas e 91,67% (33/36) não citativas. Já no século XXI, esse cenário muda: do total de ocorrências do século XXI, 65,85% (108/164) são citativas e 34,15% (56/164), não citativas. Essa diferença também é observada quando se compara o total de usos citativos: a grande maioria, 97,3% (108/111),

localiza-se no século XXI. Os exemplos (18-19) ilustram os usos não citativos e citativos da construção.

(18) **Uso de *be like* não citativo**

- a. It is racism. I hate to say it, but it **is like** what the Germans did. (1999-notícias)
Isso é racismo. Eu odeio dizer isto, mas é como os alemães fizeram
- b. tough with this thing. You got ta hit it hard. A machine **is like** a woman, we always say at the machi? (1990-TV/Fimes)
Tem que ser firme com isso. Você tem que bater forte. A máquina é como uma mulher, a gente sempre diz lá na oficina

(19) **Uso de *be like* citativo**

- a. kicks in - boppada-boop - yeah, and they start- and then their mind **is like**, 'Well, I can't do this?' (1991 - fala)
Aí entra em ação – boppada-boop – é, e eles começam – e então a mente deles fica tipo: 'Ué, eu não consigo fazer isso?'
- b. Give it to Bruce. " Bruce **is like**, 'This is what I'm talking about.' Let's get this (2008 - TV/filme)
Dá isso pro Bruce." Aí o Bruce fica tipo: 'É disso que eu tô falando.' Vamos nessa.

Em (18), *like* é usado com valor comparativo de similaridade. Em (18a), estabelece semelhança entre ações: "mas é [a forma] como os alemães fizeram", e, em (18b), semelhança entre seres: "A máquina é como [assemelha-se a] uma mulher". Nos usos ilustrados em (19), observa-se o valor de citação, como mostra o uso das aspas e o conteúdo que complementa a expressão: em (19a), pensamento e, em (19b), discurso reportado, como indica o imperativo na frase anterior e o contexto da entrevista, não transcrito aqui, por questão de espaço.

Considerando-se a variável gênero, observa-se predominância do *be like* como introdutor de discurso no gênero TV/filme, com 75,68% (84/111) do total de ocorrências como citativo. O gênero fala é o que apresenta a segunda maior frequência de citativos, com 20,72% (23/111) das ocorrências. O gênero notícias, talvez por ser escrito, é o que apresentou menor frequência, com apenas 3,60% (4/111). Esse gênero parece desfavorecer o uso citativo do *be like*, pois, do total de ocorrências em notícias, 85,19% (23/27) são usos não citativos. As quatro ocorrências do uso de *be like* como introdutor de discurso no gênero notícias estão transcritas no exemplos (20-23).

- (20) I thought it was a mistake for Alison to get in touch with (her biological father)... but she was insistent. So I said, 'Let me make the first contact (with him).' **I'm like**, 'Do I really

want to do this?' Then I thought, 'No, I have to do this.' I wanted Alison to know, I wanted her to know what kind of person he was.... (1997, notícias)⁹

"Eu achei que foi um erro a Alison entrar em contato com (o pai biológico dela)... mas ela foi insistente. Então eu disse: 'Deixa que eu faço o primeiro contato (com ele).' Ai eu fiquei tipo: 'Será que eu realmente quero fazer isso?' Depois pensei: 'Não, eu tenho que fazer isso.' Eu queria que a Alison soubesse, queria que ela soubesse que tipo de pessoa ele era..." (1997 – notícias)

- (21) Strungys says. "Elliot's brother lent us the money to record the album, and Elliot paid him back, and my grandmother of all people lent the money to actually get the record made." I just have to ask: Is Grandma grooving to songs like "Dinner," "Porn" and "Hiss Valve"? "She likes it!" Strungys says. " She really likes Elliott's drumming. **I'm like:** 'I know he's a good drummer, but I'm your granddaughter!' (1999, notícias)¹⁰

Strungys diz: "O irmão do Elliott nos emprestou o dinheiro para gravar o álbum, e o Elliott pagou ele de volta, e a minha avó — logo ela! — emprestou o dinheiro pra gente realmente conseguir fazer o disco" Eu tenho que perguntar: A vovó tá curtindo músicas como "Dinner", "Porn" e "Hiss Valve"? "Ela gosta!" — diz Strungys. "Ela realmente gosta da bateria do Elliott. E eu fico tipo: 'Eu sei que ele é um bom baterista, mas eu sou sua neta!'"

- (22) Stewart and his classmates gave Schmitz a hard time when she first arrived. "We tried to get over on her, but she always cracked down," he said. "She was always there for us, always telling me: 'Ronnie, do your work; Ronnie, what college are you going to? Ronnie, did you call the university?' **I was like,** I finally got a teacher that really cares about me." (2008, notícias)¹¹

Stewart e seus colegas pegaram no pé da Schmitz quando ela chegou. "A gente tentou tirar vantagem dela, mas ela sempre se impôs", ele disse. "Ela sempre nos apoiou, sempre me dizendo: 'Ronnie, faça seu trabalho; Ronnie, pra qual faculdade você vai? Ronnie, você ligou pra universidade?' E eu fiquei tipo: 'Finalmente consegui uma professora que realmente se importa comigo.'"

- (23) At night, after hard training days, they sat in a room talking about fire with more comfort than they did around men.

"It was like, 'How do you run a chainsaw?' Maybe there were other ways to do it that men don't talk about because they're used to doing it their way," she recalled. (2016, notícias)¹²
À noite, depois de dias intensos de treinamento, elas se sentavam em um quarto falando sobre fogo com mais naturalidade do que faziam perto dos homens. "Era tipo: 'Como se usa uma motosserra?' Talvez houvesse outras formas de fazer isso que os homens não mencionam, porque já estão acostumados com o jeito deles", ela lembrou.

Nota-se que, nas quatro ocorrências, o conteúdo do discurso introduzido pela construção *be like* é o pensamento. Em todas, a construção aparece como transcrição de fala de pessoas sobre que a notícia trata. Há um relato em primeira pessoa sobre uma dada situação, ou seja, trata-se, nos quatro casos, de uma sequência narrativa que reproduz a fala de um informante da

⁹ POMERANTZ, Gary M. From the heart: race in Atlanta. **Atlanta Journal Constitution**. 22/10/1997.

¹⁰ DEROGATIS, Jim. The rasp that rocks. **Chicago Sun-Times**. Weekeng Plus, 12/2/1999, p. 5.

¹¹ https://www.nola.com/gambit/news/the_latest/schools-in/article_a32d5ab4-8026-5b6f-ac98-c4de61152481.html

¹² Disponível em: https://www.washingtonpost.com/national/health-science/few-women-fight-wildfires-thats-not-because-theyre-afraid-of-flames/2016/11/19/452c6cba-ac19-11e6-977a-1030f822fc35_story.html

notícia. Em (20), trata-se de um documentário, em que a entrevistada fala da insistência da filha em conhecer o pai biológico. No trecho "So I said, 'Let me make the first contact (with him).' **I'm like, 'Do I really want to do this?' Then I thought, 'No, I have to do this.'**/Então eu disse: 'Deixa que eu faço o primeiro contato (com ele)' **Aí eu fiquei tipo: 'Será que eu realmente quero fazer isso?'** Depois eu pensei: 'Não, eu tenho que fazer isso'...", verifica-se a presença de um discurso reportado e dois trechos que indicam pensamentos. Ao referir-se à sua resposta à filha, a narradora emprega o verbo *to say* para introduzir sua proposta de fazer o primeiro contato. O uso do imperativo que aponta para um interlocutor sinaliza discurso reportado. Já ao falar de suas dúvidas sobre se deveria mesmo fazer isso, utiliza a construção *be like* em uma construção interrogativa de dúvida em primeira pessoa, o que mostra tratar-se de seu pensamento introspectivo e não de discurso reportado, que não faria sentido no contexto. Por fim, logo em seguida, usa o verbo *to think*, indicando uma resposta introspectiva à sua dúvida. Trata-se, portanto, de um diálogo interno, em que a pessoa usa *be like* e *to think* para expressar seus pensamentos.

Em (21), o trecho faz parte de uma entrevista com Strungys, que fala da sua banda Loraxx e de como obtiveram apoio de familiares para gravar um álbum. A entrevistada é referida em terceira pessoa e o entrevistador, em primeira. O trecho transcreve a resposta da entrevistada que acrescenta um comentário do que ela pensa sobre a avó gostar da bateria de um dos membros, que imita o que ela diria à sua avó, numa clara imitação do frame de conversa, totalmente fictiva, porque a avó não está no contexto da entrevista, nem a fala da entrevista remete a alguma conversa de fato": "Eu sei que ele é um bom baterista, mas eu sou sua neta!".

Em (22), a notícia reproduz a fala do informante, como mostra o verbo *said/disse*: "Tentamos tirar vantagem dela, mas ela sempre se impôs", **disse ele**. "Ela sempre nos apoiou, sempre me dizendo: 'Ronnie, faça seu trabalho; Ronnie, para qual faculdade você vai? Ronnie, você ligou para a universidade?'. Logo após esse relato que inclui discurso reportado introduzido por *to tell/contar*, o falante expressa sua avaliação interna das atitudes da professora, e para isso, usa *be like*: "**Eu pensei**: 'finalmente consegui uma professora que realmente se importava comigo'".

Em (23), o uso do *be like* se diferencia um tanto dos demais. Ao invés de a construção ter como sujeito sintático o enunciador, como em (20-22), em que a frase assume o formato de um discurso direto na qual a construção poderia ser substituída por um verbo *dicendi*, como *pensar*, aproxima-se mais do seu valor de preposição. Trata-se de uma ocorrência em que a construção parece ficar a meio caminho entre o uso como verbo introdutor de discurso e o uso

como preposição. Diferentemente do uso ilustrado em (18b), em que *be like* se relaciona a um substantivo ("Uma máquina é **como uma mulher**"), em (23), a construção introduz um discurso direto: "**Era do tipo**: 'como se opera uma serra elétrica?'" . Note-se que, em (18a), também há uma oração, como em (23), mas sem valor de citação direta: "...é **como** o que os alemães fizeram". O trecho de (23) discute a discriminação, assédio e abuso que sofrem as mulheres que combatem incêndios florestais, uma área predominantemente masculina, e fala de um evento de formação em que elas se reuniram em um quartel só para mulheres e podiam conversar à vontade. O trecho em que a construção *be like* é usada transcreve a fala de uma das 15 mulheres entrevistadas, usando como verbo introdutor do discurso *to recall/lembrar*. A entrevistada usa a construção *be like* para exemplificar o conteúdo típico das conversas dessa reunião: "It was like, 'How do you run a chainsaw'/Era tipo: 'como se usa uma motosserra?'. Como nos demais casos, há uma oração que figura como complemento da construção *be like*; mas o sujeito neutro leva à interpretação de *like* como preposição e a oração que lhe segue como um termo comparativo, constituindo um tipo de interação fictiva, similar em português ao uso que Costa Júnior e Rocha (2018) descrevem como compostos de discurso direto do tipo: N (P) + (PREPOSITION“DE”) + HEDGE (TIPO) ASSIM, como no exemplo (24), transcrito dos autores.

(24) Odeio gerações do tipo: se eu não correr atrás de você a gente não se fala (Costa Júnior; Rocha, 2018, p.167).

A frase original em inglês, por sua vez, assemelha-se ao uso exemplificado por Pascual (2014, p.47) como interação clausal: "their sense of value, is just, *how many created wants can I satisfy?*" /seu senso de valor é apenas 'quantos desejos criados eu posso satisfazer?'. Trata-se, portanto, de uma ocorrência de fronteira entre o uso do *like* como comparativo e o uso como introdutor de discurso, sendo o conteúdo do discurso fictivo o termo que atua como o elemento-fonte da comparação: *os temas abordados eram como X*, em que X é a pergunta fictiva. Desse modo, seu valor fica entre o uso não citativo que vimos ilustrados em (18) e os usos de interação que vimos nos exemplos (19a), (20), (21) e (22).

Com relação ao tempo verbal, as ocorrências se dividiram entre as formas de passado, com 51% (102/200) do total de ocorrências, e de presente, com 49% (98/200). Distribuição similar ocorre se se observa o tempo verbal em relação aos tipos de construção: do total de usos citativos, 51,35% (57/111) são formas no pretérito, e 48,65% (54/111), de formas no presente. Não foi encontrada nenhuma forma de futuro nessas poucas ocorrências, o que é surpreendente se se considerar o valor de interação fictiva que deveria favorecer o uso modal do futuro.

Todavia, não se pode afirmar, diante de poucos dados, que o tempo futuro não figura nessa construção com valor citativo. De todo modo, pesquisas anteriores mostraram a afinidade do presente histórico com a construção *be like*. Segundo D'Arcy (2012), o presente histórico favorece o uso de *be like*, enquanto outras formas temporais praticamente o excluem. Resta por avaliar se o emprego das formas de presente nos dados constituem casos de presente histórico, o que pode ser feito em pesquisas que avaliem o valor temporal da construção, para além da forma gramatical. Ainda que a presente pesquisa não tenha controlado esta variável, as ocorrências em contexto narrativo, reportando-se a maioria a situações passadas, leva-nos a concluir que pelo menos boa parte dos usos da forma de presente constituem casos de presente histórico, como na ocorrência transcrita em (25).

- (25) And I was like, "I just thought they were being polite' cause it's my first day". So I finish up, get the pages to Len. **Len's like**, "This is great. I could totally work with this. totally great. Give it to Bruce". **Bruce is like**, "This is what I'm talking about" Let's get this to the studio, get'em to approve it so we can start shooting immediately". And that was about... noon, 1: 00, 'cause it was just about to be lunch (2008, TV/filme).

E eu fiquei tipo: "Achei que eles só estavam sendo educados, já que era meu primeiro dia." Ai eu termino, entrego as páginas pro Len. O Len fica tipo: "Isso tá ótimo. Eu consigo totalmente trabalhar com isso. Muito bom. Dá isso pro Bruce." O Bruce fica tipo: "É disso que eu tô falando. Vamos levar isso pro estúdio, fazer eles aprovarem pra começarmos a filmar imediatamente." E isso foi por volta de... meio-dia, uma da tarde, porque já tava quase na hora do almoço.

O falante utiliza "Len's like" (*Len fica tipo*) e "Bruce is like" (*Bruce fica tipo*), mas o verbo dessas construções poderia se apresentar como "Len was like" (*Len ficou tipo*) ou "Bruce was like" (*Bruce ficou tipo*), pois ambas se referem a algo que ocorreu no passado, como se evidencia pelo contexto com outros verbos no passado: "That **was** about noon" (*Isso foi por volta de meio-dia*) e a própria ocorrência da construção *be like* no pretérito no início do texto: "**I was like**..." (*Eu fiquei tipo...*).

Com o uso do presente histórico, o falante reencena algo que aconteceu no passado de forma mais vívida, pois o presente aproxima o ouvinte do fato narrado. Assim, numa tradução livre do trecho, todos os verbos da construção podem ser traduzidos por formas de pretérito: "E eu disse: 'Achei que eles estavam sendo educados porque é o meu primeiro dia'. Então, terminei e entreguei as páginas ao Len. O **Len disse**: 'Isso é ótimo. Eu poderia trabalhar com isso. Totalmente ótimo. Passe para o Bruce'. **Bruce disse**: 'É disso que estou falando. Vamos levar isso para o estúdio e pedir que aprovem para que possamos começar a filmar imediatamente'. E isso foi por volta do meio-dia, uma da tarde, porque estava quase na hora do almoço..."

A respeito da variável “pessoa”, a construção, de modo geral, divide-se de modo relativamente equilibrado entre a primeira e a terceira pessoa, com 47% (94/200) e 53% (106/200), respectivamente. Todavia, quando se considera o tipo de construção, observa-se uma tendência ao uso da primeira pessoa nos usos com valor citativo: 80,18% (89/111) das ocorrências estão em primeira pessoa, contra 19,82% (22/111) de ocorrências em terceira pessoa. Essa tendência também é observada quando se olham os dados, partindo-se das pessoas gramaticais: do total de usos na terceira pessoa, 79,25% (84/106) são de usos não citativos. Em relação aos totais de primeira pessoa, 94,68% (89/94) são usos do *be like* como citativo. Em outras palavras, a relação entre primeira pessoa e tipo de construção parece ser forte, pois há predominância da primeira, quer se olhem os dados da perspectiva da função citativa, quer se olhem da perspectiva da pessoa gramatical. Tais dados reforçam o caráter subjetivo da construção, já apontado por Vandelanotte (2018):

Pode-se conjecturar que os usos de citações do tipo “be like” e de memes semelhantes ilustram uma tendência subjacente na qual a representação imitativa é fundamental para a forma como expressamos atitudes e pontos de vista subjetivos e, intersubjetivamente, provocamos respostas a esses pontos de vista (Vandelanotte, 2018, p. 1).¹³

Apesar dos indícios, corroborados pela literatura, a quantidade reduzida de dados não permitem chegar a generalizações, sendo necessários mais trabalhos com corpora mais extensos.

4.1 *Be like* como interação fictiva

Das variáveis analisadas, resta discutir o conteúdo do discurso introduzido pela construção *be like* usada como citativo, o que permitirá identificar os usos de interação fictiva. Os resultados estão resumidos na tabela 1.

Tabela 1: Frequência do tipo de conteúdo do discurso do *be like* citativo

CONTEÚDO	sons não-lexicalizados		estado emocional		pensamento		discurso reportado		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Be like</i>	3	2,7%	20	18,01%	54	48,65%	34	30,63%	111	100%

Fonte: as autoras

¹³ It could be conjectured that quotative *be like* and simulative meme uses both illustrate an underlying tendency in which simulative figuration is fundamental to how we express subjective attitudes and viewpoints, and intersubjectively elicit responses to these views (Vandelanotte, 2018, p.1)

Como ilustra a tabela 1, apenas 30,63% (34/111) de usos do *be like* representam usos como introdutor de discurso direto factivo, ou seja, 69,37% (77/111) representam uma interação fictiva: o falante expressa, como se fosse uma conversação, o que não é conversação factual: um pensamento, uma emoção ou simplesmente sons que representam meras interjeições, como em (26), que expressa um estado emocional de satisfação.

- (26) “they call it like Thirsty Thursday or something, and **I was like**, oh, that's nice...” (2013-fala).
“eles chamam isso de tipo Quinta da Sede ou algo assim, e eu fiquei tipo: ah, que legal...”

No exemplo (26), o falante utiliza a construção *be like* para introduzir não uma citação literal mas sim uma representação de algo que se aproxima do que teria sentido em uma dada situação. O falante pode não ter dito literalmente “oh that’s nice”/ *ah, que legal*, porém ele utiliza *be like* como marcador de interação fictiva para expressar melhor seu estado emocional, a fim de encenar a emoção que teve no passado, aproximando o ouvinte da experiência vivenciada por ele.

Do total dos usos como interação fictiva, quase metade das ocorrências (54/111) expressam pensamentos, como ilustram os exemplos a seguir.

- (27) first started getting tattooed. I thought it was really bad-ass and then **I was like**... " Oh, that would be such a cool job, "... (2010, TV/filme).
Quando comecei a fazer tatuagens. Eu achei aquilo muito irado e aí eu fiquei tipo... "Ah, esse seria um trabalho tão legal..."
- (28) A lot of people at school knew who she was, like **everybody was like**, "Oh, well, that's the girl that's got good grades and stuff and really pretty", like everybody would always talk about how pretty she was. (2015, fala).
Muita gente na escola sabia quem ela era, tipo, todo mundo tava tipo: "Ah, essa é a garota que tira boas notas e tal, e é muito bonita", tipo, todo mundo sempre falava o quanto ela era bonita.

Em (27), o falante se reporta a uma situação passada e expressa o que pensou naquele momento: "Quando comecei a fazer tatuagens. Eu achei aquilo muito irado e aí **pensei**... “Oh, esse seria um trabalho muito legal”. Em (28), também o falante fala de alguém do passado e usa um *frame* de conversação para expressar o que as pessoas pensavam da moça: "Muita gente na escola sabia quem ela era, era como **todo mundo achava**: “Ah, bem, essa é a garota que tem boas notas e outras coisas e é muito bonita”, todo mundo sempre falava sobre como ela era bonita". Note-se que o conteúdo do discurso não é uma interação factiva, o falante não reproduz as palavras das pessoas sobre a garota, mas o que ele julga que as pessoas pensavam dela.

Um outro uso do *be like* em interação fictiva representado nos dados é para expressar estados emocionais, como em (29) e (30), em que falante expressa surpresa e satisfação, respectivamente. Este tipo de conteúdo teve a segunda maior frequência, com 18,01% (20/111) do total de citativos, e 24,67% (19/77) do total de interação fictiva.

(29) there's some shit down there that can bite you. "And **I was like, 'What?'** I WAS LIKE, 'I imagine... (2008, TV/filme).

*Tem umas paradas lá embaixo que podem te morder. E eu fiquei tipo: "O quê?"
Eu fiquei tipo: "Tô imaginando..."*

(30) ...they call it like Thirsty Thursday or something, and **I was like, oh, that's nice.** (2013, fala)

Eles chamam de tipo Quinta da Sede ou algo assim, e eu fiquei tipo: ah, que legal.

Outra forma de interação fictiva é a utilização do *be like* para introduzir sons não lexicalizados. Isso pode ser visto em (31), em que o falante emprega o *be like* como marcador de interação fictiva para citar um som não lexicalizado e, por meio disso, expressar como ele teria se sentido em determinado contexto. Ao usar o *be like* como marcador de interação fictiva, o falante consegue recriar a sua reação em determinada situação sem citar verbalmente o que poderia ter sido dito no momento.

(31) "well, you're gonna need some Sex Wax. **I was like, "Tee hee"** (2008-TV/filme).

Bom, você vai precisar de um pouco de Sex Wax. E eu fiquei tipo: "Hihhih".

Vale ressaltar ainda o emprego do *be like* para marcar interação factiva, ainda que em menor frequência que o uso como marcador de interação fictiva. Foram 30,63% de ocorrências com valor de discurso reportado, ou seja, em que realmente a construção *be like* introduz um discurso que ocorreu em alguma situação anterior. Não se trata aqui de uma reprodução fiel do discurso de outra pessoa, pois, como alerta Tannen (1986), devido à memória imperfeita e às especificidades do falante, um discurso reportado é sempre um discurso construído, ou seja, apenas uma aproximação do que de fato foi dito. Isso aproxima os dois tipos de interação e os torna parte de um mesmo *continuum*, distintos em graus de factualidade/aproximação. Talvez por isso, não seja tão simples distinguir nos dados um tipo de outro, obrigando o analista a apreender todo o contexto para identificar se se trata de uma interação factiva, ou seja, se o falante se reporta a um discurso que ocorreu aproximadamente como ele reporta, ou não, se se trata apenas de uma imitação do que o falante sentiria ou pensaria numa certa situação ou o que ele supõe ser a reação emocional ou verbal de alguém em dado cenário. Os exemplos (32) e

(33) ilustram discurso reportado introduzido por *be like*. Em ambos, está clara a interação factiva pelo modelo pergunta/resposta.

(32) and **he was just like**, "You ever surf before?"

I was like, "First time".

He's like, "Yeah, I thought so"... (2008, TV/filme).

E ele ficou tipo/disse: "Você já surfou antes?"

Eu fiquei tipo/disse: "Primeira vez."

Ele tipo/disse: "É, imaginei..."

(33) And **he's, like**, "I do have hair. I shaved this for the show. What's your excuse?". **I was like, "Genetics"** (2008, TV/filme).

E ele ficou tipo/disse: "Eu tenho cabelo. Raspei por causa do programa. Qual é a sua desculpa?"

Eu fiquei tipo/disse: "Genética."

Em (32), o trecho mostra um diálogo factivo entre o falante e uma terceira pessoa: "e **ele disse**: 'Você já surfou antes?'. **Eu disse**: '[É] a primeira vez'. **Ele disse**: 'É, imaginei...'". Do mesmo modo, (33) mostra uma interação factiva: "E **ele disse**: 'Eu tenho cabelo. Eu o raspei para o show. Qual é a sua desculpa?'. **Eu disse**: '**Genética**'".

O emprego da construção *be like* para introduzir discurso reportado pode indicar maior entricheiramento e abstratização da construção na rede de introdutores do discurso, passando a assumir funções mais gerais que as observadas no século XX. D'Arcy (2012), em sua análise diacrônica das formas citativas em inglês, do século XIX ao século XX, conclui que, apesar de algumas formas serem favorecidas pelo tipo de conteúdo, por exemplo, *say* para fala; *be like*, para pensamento, nenhum dos verbos, exceto *think*, é funcionalmente restrito. Essa multifuncionalidade já existente no século XX abre espaço para *be like* assumir funções primariamente ligadas a *say*, como a de discurso reportado.

Considerações finais

Os resultados mostraram que houve um aumento significativo do uso do *be like* como introdutor de discurso de um século ao outro, apontando uma provável mudança nas práticas relacionadas a esse marcador a ser averiguada em pesquisas mais robustas posteriores. Todavia, ainda que, como diz D'Arcy (2012), haja diferença qualitativa e quantitativa nas formas de citação ao longo do tempo, as novas formas que surgem são influenciadas por outras mudanças que afetam o sistema como todo.

No caso do *be like* como forma citativa, vimos, com as devidas ressalvas pelo tipo de pesquisa exploratória, que parece manter seu caráter informal, uma vez que a maior frequência

de uso ocorreu em contextos de TV/filme e na fala cotidiana. O uso do *be like* em textos jornalísticos, como notícias, foi raro nos dados e restrito a citações literais de relatos de informantes. Assim, embora as ocorrências de *be like* como forma de citação ultrapassem a oralidade, sua característica predominante de informalidade parece se manter no século XXI, o que merece estudo mais detido.

Observou-se ainda que essa construção é amplamente utilizada para expressar pensamentos, tanto do próprio falante quanto de terceiros, revelando uma função discursiva crucial que o caracteriza como um marcador de interação fictiva (Pascual, 2006, 2014). Sob essa perspectiva, o *be like* configura-se como um fenômeno linguístico que os falantes utilizam para criar representações fictivas de situações reais ou imaginárias. Ao optar por *be like*, o falante torna o discurso mais vívido, permitindo ao ouvinte também visualizar imaginativamente a cena descrita por ele.

Apesar da relevância dos resultados desta pesquisa, ainda se faz necessária a realização de estudos com um *corpus* mais amplo, abrangendo uma maior diversidade de gêneros e variáveis, a fim de se testarem indícios que foram apenas sugeridos pelos resultados. Por exemplo, observou-se o uso do *be like* como forma de citação de discurso reportado. Seria interessante avaliar até que ponto essa função estaria disseminada no século XXI. Outra questão que ficou por responder é quanto ao emprego do *be like* em gêneros escritos. Estaria realmente o *be like* ligado apenas à oralidade, figurando na escrita apenas como reprodução da fala, como vimos? A ampliação e diversificação do *corpus* poderiam responder essas e outras questões relativas ao emprego do *be like* como forma de citação no inglês contemporâneo do século XXI. Desse modo, esperamos que esse trabalho tenha contribuído, se não para oferecer mais dados descritivos sobre a construção *be like* no inglês do século XXI, pelo menos para instigar novos estudos a respeito dessa forma de citação.

Referências

- BARBIERI, Federica. Quotative Use in American English: A Corpus-Based, Cross-Register Comparison. *Journal of English Linguistics*, Arizona, v. 33, n. 3, p. 222-256, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/0075424205282667>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249700171_Quotative_Use_in_American_EnglishA_Corpus-Based_Cross-Register_Comparison. Acesso em: 01 fev. 2025.
- BLYTH, Carl Jr., RECKTENWALD, Sigrid; WANG, Jenny. I'm like, 'Say what?!': A new quotative in American oral narrative. *American Speech*, [S. l.], v. 65, n. 3, p. 215-227, 1990. DOI: <https://doi.org/10.2307/455910>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/455910>. Acesso em: 01 fev. 2025.

BRESSENDORFF, Kirsteen. *From vikings to valley girls: A sociolinguistic study of non-native use of quotative be like and discourse markers like and just*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística) – University of Glasgow, Glasgow, 2012. Disponível em: <http://theses.gla.ac.uk/3369/>. Acesso em: 3 maio 2025.

BUCHSTALLER, Isabelle; ALPHEN, Ingrid v. *Quotatives: Cross-linguistic and cross-disciplinary perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

BUCHSTALLER, Isabelle. He goes and I'm like: the new quotatives revisited. *NWAVE 30*, North Carolina State University, Raleigh, North Carolina, 2001. Disponível em: <http://www.lel.ed.ac.uk/~pgc/archive/2002/proc02/buchstaller02.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

BUCHSTALLER, Isabelle. *Quotatives: New Trends and Sociolinguistic Implications*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

COSTA JR., José Carlos da; ROCHA, Luiz Fernando Matos. Compostos de discurso direto no português do Brasil: interação fictiva no léxico. *Diacrítica*, [S. l.], v. 32, n.1, p. 159-178, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21814/diacritica.5024>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9260729>. Acesso em: 17 dez. 2024.

D'ARCY, Alexandra. The diachrony of quotation: Evidence from New Zealand English. *Language Variation and Change*, Inglaterra, v. 24, n. 3, p. 343-369, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394512000166>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/diachrony-of-quotation-evidence-from-new-zealand-english/6A0FD8DABE133806EE3EA73A703C06A6>. Acesso em: 03 fev. 2025.

DENG, Delin. “She’s Like Why You Speak English While Dreaming?”: A Corpus-Based Study of Quotative Markers Used by Chinese Speakers of L2 English. *Languages*, Gainesville, v. 8, n. 1, p. 51, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/languages8010051>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2226-471X/8/1/51>. Acesso em: 03 fev. 2025.

DEUBER, Dagmar; HÄNSEL, Eva Canan; WESTPHAL, Michael. Quotative be like in Trinidadian English. *World Englishes*, Münster, v. 40, n. 3, p. 436-458, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/weng.12465>. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/weng.12465>. Acesso em: 03 fev. 2025.

FERRARA, Kathleen; BELL, Barbara. Sociolinguistic variation and discourse function of constructed dialogue introducers: The case of *be+like*. *American Speech*, [S. l.], v. 70, p. 265-89, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/455900>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/455900?origin=crossref>. Acesso em: 8 jun. 2025.

HUBER, Susanne. *Acquiring a variable system: the English quotative system and be like in the English as a Foreign Language (EFL) context*. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universität Graz, Graz, 2016.

JARDINE, Katelyn. *He’s Like, “My Nan Loves That Naan Bread”*: Quotative Be+Like and Mimetic Performance Among Migrants to St. John’s NL. 2022. 94 f. Tese (Mestrado em Artes) - Escola de Estudos de Pós graduação Departamento de Linguística, Universidade Memorial de Newfoundland, Canadá, 2022.

KAMBON, Obadelé Bakari; DUAH, Reginald Akuoko. Non-african linguists be like, “this is a new way to quote!”. *Ghana Journal of Linguistics*, Ghana, v. 6, n. 2, p. 85-115, 2017. DOI:

<https://doi.org/10.4314/gjl.v6i2.5>. Disponível em:

<https://www.ajol.info/index.php/gjl/article/view/164004>. Acesso em: 03 fev. 2025.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of Cognitive Grammar*. Volume I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronaldo Wayne. Construcions in Cognitive Grammar. *English Linguistics*, [S. l.], v. 20, n.1, p.41-83, 2003. DOI: <https://doi.org/10.9793/elsj1984.20.41>. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/elsj1984/20/1/20_1_41/article. Acesso em: 18 dez. 2024.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford university press, 2008.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Ten lectures on the elaboration of cognitive grammar*. Leiden/Boston: Brill, 2017.

MEEHAN, Teresa. It's like, 'what's happening in the evolution of like?': A theory of grammaticalization. *Kansas Working Papers in Linguistics*, Lawrence, v. 16, p. 37-51, 1991. DOI: <https://doi.org/10.17161/KWPL.1808.423>. Disponível em: <https://journals.ku.edu/kwpl/article/view/17306>. Acesso em: 03 fev. 2025.

OLIVEIRA, Camila Neiva Leite de. Fictividade: a imaginação na linguagem. In: LIMA, Claudete; PINHEIRO, Diogo. *Elementos de gramática cognitiva*. Juazeiro do Norte: Editora Perin, 2025, p.33-41. DOI: <https://doi.org/10.29327/5478610>.

PASCUAL, Esther. *Imaginary dialogues: conceptual blending and fictive interaction in Criminal Courts*, Amsterdam, Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap, 2002.

PASCUAL, Esther. Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar. *Cognitive Linguistics*. Birmingham, v. 17, n. 2, p. 245-267, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1515/COG.2006.006>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/COG.2006.006/html>. Acesso em: 03 fev. 2025.

PASCUAL, Esther; SANDLER, Sergely. Fictive interaction and the conversation frame: An overview. In: PASCUAL, Esther; SANDLER, Sergely (Org.). *The Conversation Frame: Forms and Functions of Fictive Interaction*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2016, p.3-22.

RANGER, Graham. Quotative like in contemporary non-standard English. *Arts et Savoirs*, [S. l.], n. 2, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aes/513>. Acesso em: 4 maio 2025.

RAUŠOVÁ, Veronika. *Discourse-pragmatic functions of like in spoken discourse*. 2023. Tese (Doutorado em Filologia e Ensino da Língua Inglesa) – Faculdade de Filosofia e Instituto de Língua Inglesa e Didática, Universidade Carolina, Praga, 2023.

ROMAINE, Suzanne; LANGE, Deborah. The use of like as a marker of reported speech and thought: A case of grammaticalization in progress. *American Speech*, [S. l.], v. 66, n. 3, p. 227-79, 1991. DOI: <https://doi.org/10.2307/455799>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/455799?origin=crossref>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SCHOURUP, Lawrence. Quoting with go 'say'. *American Speech*, [S. l.], v. 57, n. 2, 148-149, 1982. DOI: <https://doi.org/10.2307/454452>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/454452>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SINGLE, John Victor. Why you can't do a Varbrul study of quotatives and what such a study can show us. *Working Papers in Linguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania, v.7, n. 3, Papers NWAV29, 2001. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol7/iss3/19>. Acesso em: 18 dez. 2024.

STOKKE, Andreas; BALL, Derek. Quotative be like. *Synthese*, Cham, v. 205, art. 21, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11229-024-04800-y>. Acesso em: 3 maio 2025.

TAGLIAMONTE, Sali; D'ARCY, Alex. When people say, "I was like ...". The quotative system in Canadian youth. *Working Papers in Linguistics*. v. 10, n. 2 (Selected Papers from NWAVE 32), 2005, 257–272. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237430471_When_people_say_I_was_like_The_quotative_system_in_Canadian_youth. Acesso em: 17 dez. 2024.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. London: MIT, 2000.

TANNEN, Deborah. Introducing constructed dialogue in Greek and American conversational and literary narrative. In: COULMAS, Florian (Ed.). *Direct and Indirect Speech*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 1986.

VANDELANOTTE, Lieven; DAVIDSE, Kristin. The emergence and structure of be like and related quotatives: A constructional account. *Cognitive Linguistics*, Bélgica, v. 20, n. 4, p. 777- 807, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1515/COGL.2009.032>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266731921_The_emergence_and_structure_of_be_like_and_related_quotatives_A_constructional_account. Acesso em: 18 dez. 2024.

VANDELANOTTE, Lieven. Be like and friends: Grammar, figuration and subjectivity. Séminaire du LERMA. *Anais...* Aix Maiselle Université: LERMA, 2018. Disponível em: <https://lerma.univ-amu.fr/wp-content/uploads/2020/11/Abstract-Vandelanotte-25052018.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

VANDELANOTTE, Lieven. (Non-)quoting and subjectivity in online discourse. *Revue électronique d'études sur le monde anglophone*, Marselha, v. 17, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/erea.9782>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/erea/9782>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Recebido em 04 de fevereiro de 2025
Aceito em 08 de junho de 2025